

OS PROCESSOS DINÂMICOS DE ESTRUTURAÇÃO DA PERSONALIDADE HUMANA À LUZ DA PSICANÁLISE FREUDIANA: ASPECTOS INCONSCIENTES E O FATOR SOCIAL NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Carlos Eduardo Bernardo¹ Daniel Vicente da Silva²

¹Graduando do Curso de Psicologia da UNIVR – Centro Universitário do Vale do Ribeira - Registro-SP

²Docente do Curso de Psicologia da UNIVR – Centro Universitário do Vale do Ribeira - Registro-SP

RESUMO

Ao se pensar sobre a história da construção do conceito “personalidade”, é necessário recorrer à suas bases constituintes e epistemológicas em culturas muito antigas, uma vez que a tentativa de estabelecer critérios organizadores para o agrupamento e a compreensão da dinâmica de cada sujeito se mostra presente em vários momentos da história humana, sendo cunhados alguns termos como caráter, tipos, temperamentos, entre outros, enquanto tentativas de abarcar as demandas originárias neste ímpeto de compreender o universo individual, as formas de funcionamento e os mecanismos empregados por cada Ser, de forma singular. Nessa busca, uma das vertentes que se destacou, ao se debruçar em compreender o dinamismo que circunda a estruturação da personalidade humana, seus influentes, desfechos e manifestações, foi a psicanálise, baseada, inicialmente, nas formulações clínicas propostas pelo médico austríaco Sigmund Freud, a partir do século XX. Desse modo, os referenciais psicanalíticos propuseram, organizaram e elucidaram as formas e os fatores que incidem diretamente sobre a constituição psíquica de cada sujeito, e, por conseguinte, afetam, definem e determinam a forma de funcionamento da personalidade, possibilitando um modelo de compreensão acerca de quais os traços mais marcantes, quais elementos mais acentuados e manifestos por cada subjetividade, a partir de um escopo teórico, e, sendo assim, na dialética da construção e da estruturação psíquica da personalidade, para a psicanálise, conclui-se que há integrações entre elementos de ordem fisiológica e os vetores dos núcleos familiar-comunitário-social, tendo em vista que é em determinado contexto de convívios primariamente vivenciadas, que as relações futuras serão balizadas, sendo as interações iniciais os protótipos internalizados para as relações da vida do sujeito. Desse modo, o presente trabalho se propõe a repensar as formas de

¹ Graduando de Psicologia da UNIVR

² Psicólogo, Psicanalista, Docente de Psicologia da UNIVR

compreender a estruturação e os parâmetros de constituição da personalidade, sob a ótica da dialética entre a interação do psiquismo com o ambiente.

Palavras-chave: Personalidade. Psicanálise. Freud. Psiquismo.

ABSTRACT

When thinking about the history of the construction of “personality”, it is necessary to resort to its constituent and epistemological bases in cultures, since an attempt to establish original rules is organized for the grouping and understanding of the dynamics of each process to present itself. In various moments of human history, terms such as character, types, temperaments, among others, were coined, while they tried to encompass as original demands in this impetus to understand the individual universe, as ways of functioning and those employed by each Being, in a unique way. . In this, one of the aspects that stands out in the search, the human dynamism, which comprises the structuring of the human personality, its influencers, manifestations and manifestations, was a psychoanalysis, based on proposals, in the clinical formulations of Austrian Sigmund from the 20th century. This mode is defined as psychoanalytic to define, as they refer to the factors that directly determine on the definition of each of the concrete factors, adjusted, defined and defined as a defined form of understanding, being able to be a defined model of understanding. of which are the most striking traits, which elements are most pronounced and manifest by each subjectivity, that of a theoretical scope, and, thus, in the dialectic of the construction and psychic structuring of personality, for psychological analysis, it is concluded that there are integrations Social order groups and family-community-elements, given that it is determined in the contexts of the primary sources of private life, with the basic functions of community-life among family models being planned as departures from the model's basic life internal. . In this way, we present the work proposed to be rethought as ways of understanding the action and optical parameters of the regime structure, in the form of the psyche's interaction with the structuring environment, under the psyche's interaction with the structure's environment.

Keywords: Personality. Psychoanalysis. Freud. psychism.

A CONCEITUAÇÃO DA PERSONALIDADE HUMANA ATRAVÉS DA HISTÓRIA

Os processos evolutivos e constitutivos que se entrelaçam na constituição de cada sujeito tem sido objeto de estudo desde épocas remotas e civilizações muito antigas, podendo citar as tentativas de caracterização e nomeação de elementos próprios do ser humano à tempos nos quais já se buscou propôr parâmetros que fossem capazes de fornecer explicações, ou mesmo, dimensionar as formas de funcionamento individuais, sendo, para tais propósitos, cunhados termos específicos para designar tais dados enquanto caráter, estrutura, personalidade, temperamento, tipos, entre outros, todos introduzidos ou aplicados sob a perspectiva da caracterização de especificidades individuais (FEIST *et al*, 2015). Neste aspecto, as formas de pensar antigas, baseadas na filosofia e nas proposições, alcançaram elementos e construíram conceitos para, de alguma forma, dar conta de um interesse, e que, ao longo do desenvolvimento das ciências, do avanço do conhecimento metodológico e científico, foram ajustando-se ou ainda, sendo superadas, ou mesmo substituídas por novas concepções mais atuais, e com novos fundamentos, capazes de subsidiar os conceitos tratados a partir da perspectiva da atualidade (BACHELARD, 2000). Dessa forma, as postulações existentes relacionadas às tipologias calcadas em convicções anteriores foram também atualizadas, substituídas por novas concepções em conformidade com o avanço dos saberes científicos, e assim, foram atualizadas e puderam ser novamente caracterizadas.

Historicamente, o entendimento de personalidade e os percursos desta no processo de estruturação, tem sido um dos temas de maior estudo acadêmico, (JOHN e PERVIN, 2010) com o qual se tem buscado novas formas de conceituar, compreender e visualizar o curso panorâmico da constituição, bem como as manifestações finais de formas e traços de personalidade, manifestas pelo sujeito em sua vida, podendo-se encontrar tais tentativas de compreensão dessa dinâmica desde períodos remotamente distantes, com os filósofos gregos, por exemplo (CHAUÍ,1994). Estes dados revelam que, longo do tempo, a espécie humana tem investido esforços e reflexões em busca de compreender-se, de discernir sua forma de funcionamento, além das esferas bio-fisiológicas, enfocando as tipologias humanas, notando-se que vários pensadores, das mais vastas áreas do saber, ponderaram sobre a forma de agir, de comportar-se, as motivações de cada indivíduo ser e agir de certo modo específico (FEIST *et al*, 2015), em busca de alcançar iluminações a esse respeito. Desse modo, para que as exigências de

determinada “explicação “fossem sanadas, cunharam-se termos conceituais, na tentativa de solucionar as inquietações humanas, sendo o conceito de personalidade um destes termos, que ascende na tentativa de elucidar proposições e pensamentos sobre as caracterizações individuais dos seres humanos e suas especificidades (PASQUALI, 2003). Assim, o conteúdo histórico da construção de tal conceito remete, segundo Martins (2004) ao próprio conceito de pessoa, sendo um termo derivado do latim *persona*, para designar as máscaras que eram utilizadas nas peças teatrais, como forma de caracterizar as personagens, e, por conseguinte, abrangeu, enquanto conceito, uma vez trazido para a teoria abstrata, o homem e as relações que este estabelece com o ambiente que o circunda, podendo ser caracterizada enquanto um conceito generalista.

A PERSONALIDADE COMPREENDIDA ATRAVÉS DA DIMENSÃO PSICOLÓGICA

Atualmente, o conceito de personalidade está atrelado ao saber psicológico, e, tal configuração se dá muito em função da publicação do psicólogo estadunidense Gordon Allport, na década de 1930, quando este lança o marco inicial das pesquisas psicológicas relacionadas à personalidade humana, através do livro *Personality: a psychological interpretation* (ALLPORT, 1937). Allport catalogou e pesquisou as definições do constructo atuais da época, o que permitiu que houvessem mais pesquisas na área, e, de certo modo, o aprimoramento dos elementos definidores do conceito pesquisado (CARVALHO *et al*, 2017), os quais foram responsáveis por impactar diretamente, ainda hoje, a compreensão e assimilação deste conteúdo, o que significa que a compreensão atual, concernente à visualização de como ocorre a fundação de uma personalidade de alguém, foi possível apenas pelas pesquisas de Allport, estando nele um dos pilares históricos das raízes epistemológicas do que se entende como personalidade, atualmente.

Realizando-se uma busca simples nos bancos de dados internacionais, é possível constatar a imensa quantidade de recentes publicações tratando acerca da temática personalidade, sobre os mais variados aspectos conceituais e constituinte (Prinzle *et al*, 2009), todavia, muito embora haja uma enorme quantidade de produção científica e saberes relacionados à personalidade humana e seus multi fatores constituintes, ainda é evidente que há uma grande dificuldade tanto ao conceitua-la, quanto a conduzir a construção de um pensamento de forma única, tendo em vista que esta, enquanto saber psicológico, e que está subsidiada pela psicologia, para que seja acessível, deverá se

pautar em um escopo teórico-metodológico, formado por constituintes de base ideológica e conceitual, capazes de propiciar a sua manutenção e edificação, considerando que a psicologia é, segundo Figueiredo (1991) composta de várias psicologias, com diferentes enfoques, objetivos e procedimentos, não havendo, portanto, unilateralidade nessa ciência, razão pela qual a expressão de uma fundamentação acerca da personalidade deverá estar atrelada a uma vertente de interpretação ideológica específica.

Em suas pesquisas, Allport definiu e estabeleceu o conceito de personalidade enquanto uma organização dinâmica que ocorre no indivíduo de sistemas psicofísicos que são determinantes em suas singulares respostas ao seu meio (ALLPORT, 1937), porém, percebe-se que mesmo havendo múltiplas linhas de pensamento e segmentos diversos investindo em pesquisas acerca de tal conceituação, atualmente, dentro do escopo da psicologia, verifica-se que este ainda é motivo de impasse e divergência entre as abordagens teóricas, que advém desde o século passado, até a atualidade (JOHN e PERVIN, 2010), e isso, em grande parte, se deve a essa diversidade de objetos de estudo contemplados pela ciência psicológica, conforme comenta Bock (2001):

“essa diversidade de objetos justifica-se porque os fenômenos psicológicos são tão diversos, que não podem ser acessíveis ao mesmo nível de observação e, portanto, não podem ser sujeitos aos mesmos padrões de descrição, medida, controle e interpretação”.

Ainda segundo John e Pervin (2010), todas as teorias da personalidade reconhecem que fatores internos ao organismo e eventos no ambiente circundante são importantes para determinar a personalidade, todavia, diferem nos pontos de modelação desse evento e nos níveis respectivos de importância dada a cada fator.

Desse modo, tendo em vista o montante de publicações sobre a temática personalidade, que, segundo Carvalho *et al* (2017) chegam à soma de 100 mil publicações nos últimos 14 anos, e, considerando a diversidade que engloba o pensamento psicológico e os objetos de estudo e reflexão eleitos por cada abordagem, é necessário que se limite tal amplitude à elementos mais direcionados, onde seja possível a caracterização a partir do emprego de um corpo teórico e metodológico, capaz de proporcionar mecanismos para clarificar o conceito, e que, neste trabalho, será a abordagem teórica e conceitual proposta pela psicanálise, estabelecida nos alicerces Freudianos do Século XX.

A PERSONALIDADE VISUALIZADA ATRAVÉS DO ESCOPO TEÓRICO PSICANALÍTICO

A Psicanálise se construiu e fundamentou na busca por compreender a essência humana, suas manifestações e conflitos psíquicos, e elegeu o psiquismo humano enquanto objeto de estudo, e, desse modo, valer-se dela pode enriquecer e ampliar as concepções e discussões, quando submetidas as conceituações às teorias de funcionamento individuais que formam o conjunto do saber psíquico-psicanalítico. Para tanto, definindo-se a personalidade enquanto elemento próprio de discussão, sobre um prisma psicanalítico, será possível restringir, de forma satisfatória, a problematização à um escopo teórico capaz de subsidiá-la em sua complexidade.

Freud, criador da psicanálise (SALLES, 2006), estabeleceu uma nova maneira de entender os seres humanos, tidos anteriormente como seres dominantes e autossuficientes, agora, tomados pela psicanálise, tornam-se sujeitos passivos de seu determinismo psíquico inconsciente, em outras palavras, o homem já não é o detentor de todo o poder sobre si, mas um ser controlado e movido por seus desejos, por sua psique, de forma que sua realidade é balizada e norteadada pela energia psíquica que flui diretamente de seu inconsciente (FREUD, 1910), (BARATTO, 2002).

Desse modo, para que se compreendesse as peculiaridades da mente humana e de seu sistema de funcionamento, o método proposto por Freud buscava empregar seus esforços no sentido de “ouvir” os discursos e relacioná-los à origem dos conflitos psíquicos, e assim, a angústia e aos sintomas manifestos, e desse modo, estabelecer os parâmetros constitucionais de uma compreensão do dinamismo da personalidade (FREUD, 1914). “Ouvir se tornou, para Freud, mais do que uma arte; transformou-se em um método, um caminho privilegiado para o conhecimento que seus pacientes mapeavam para ele” (Gay, 1988) e é através do “ouvir”, na escuta psicanalítica, livre de julgamentos que se estabelece a relação que construirá os percursos de base empírica da referida técnica (MEZAN 2006), subsidiando assim as formulações e postulações da análise psíquica, a qual se tornou uma das mais importantes ferramentas de acesso ao psiquismo humano.

Para tanto, o olhar que a psicanálise dispõe acerca da personalidade humana se embasa nas teorias e formulações desenvolvidas na prática e observação clínica, sendo esta uma ferramenta importante não apenas no diagnóstico, no que compete a seu emprego

enquanto ferramenta clínica, mas também, na própria compreensão dos seres humanos enquanto indivíduos subjetivos e dinâmicos (MEZAN 2006), em suas artes, em toda a manifestação que contenha as digitais do toque humano (BLEICHER, 2007).

De forma didática, a compreensão da estruturação e organização psíquica que constitui a personalidade, na concepção psicanalítica freudiana, pode ser descrita, conforme Hall *et al* (2000), da seguinte forma:

“[...] constituída por três grandes sistemas: o id, o ego e o superego. Embora cada uma dessas partes da personalidade total tenha suas próprias funções, propriedades, componentes, princípios de operação, dinamismos e mecanismos, elas interagem tão estreitamente que é difícil, senão impossível desemaranhar seus efeitos e pesar sua relativa contribuição ao comportamento humano. O comportamento é quase sempre o produto de uma interação entre esses três sistemas; e raramente um sistema opera com a exclusão dos outros dois.”

Isso significa que a compreensão do dinamismo psíquico de cada indivíduo, necessariamente, perpassa a compreensão de uma constituição psíquica atrelada à um conjunto de esferas que interagem entre si, na composição de uma forma de comportar-se ou mesmo, de ser. Em outras palavras, o psiquismo responde a uma organização das pulsões inconscientes por meio da relação que está empregada com os sistemas de funcionamento subjetivo do sujeito, e é, através desta dinâmica de interação que se fundam os comportamentos e mecanismos individuais.

Nos escritos freudianos, encontram-se postulados conceitos basilares para o estabelecimento de uma visualização de como ocorre o processo de constituição do sujeito, ou seja, como a personalidade de alguém se estabelece, se determina, se modela, de forma caracterizante, e assim, nas sistematizações propostas por Freud, há um conjunto de sistemas operando a partir da conexão entre inconsciente e consciente, através das instâncias psíquicas postuladas na segunda teoria topográfica (BARATTO 2009), e é em tal articulação que se incide a manifestação peculiar de cada sujeito.

A meta fundamental da psique é manter—e recuperar, quando perdido—um nível aceitável de equilíbrio dinâmico que maximiza o prazer e minimiza o desprazer. A energia que é usada para acionar o sistema nasce no id, que é de natureza primitiva, instintiva. O ego, emergindo do id, existe para lidar realisticamente com as pulsões básicas do id e também age como mediador entre as forças que operam no id e no superego e as exigências da realidade externa. O superego, emergindo do ego, atua como um freio moral ou força contrária aos interesses práticos do ego. Ele fixa uma série de normas que definem e limitam a flexibilidade deste último (FADIMAN e FRAGER, 1986).

Pode-se pensar, então, que uma personalidade se manifesta e age de modo a ser produto de uma interação entre os sistemas de seu próprio aparelho psíquico, operando sobre sua constituição, e assim, é neste e através deste conjunto de composições psíquicas, que cada sujeito operará, estabelecerá suas conexões com a realidade e com seu contexto familiar, social, ajustará suas relações, enfim, lidará com a realidade.

Dessa forma, quando nos referimos ao aspecto tópico da personalidade, estamos nos reportando a uma concepção que a encara como sendo dividida em territórios ou localizações distintas. Por sua vez, o aspecto dinâmico nos chama atenção para os processos específicos que se passa no interior de cada um dos territórios da personalidade. Finalmente, o aspecto econômico ressalta o fato de que as quantidades de energia de cada um dos processos são distribuídas de maneiras distintas (REIS *et al*, 1984).

Além destes aspectos, a dimensão psicanalítica acrescenta ainda, no que concerne ao personalismo, as fases de desenvolvimento psicosssexual, que segundo Farias *et al* (2015), foram delimitadas por Freud quando apresentou o processo de desenvolvimento psicosssexual, “nas quais mostrou que o desenvolvimento do ser homem se dá por estágios, estágios estes que foram denominados por estágio oral, anal, fálico, latência e por último o estágio genital”, e esses estágios são caracterizados como determinantes para a formação da personalidade, e, por conseguinte, sua compreensão.

“Para Freud, os primeiros quatro ou cinco anos de vida, ou o período infantil, são os mais cruciais[...]. Esse estágio é seguido por seis ou sete anos de um período de latência, durante o qual ocorre pouco ou nenhum crescimento sexual. Então, na puberdade, há um renascimento da vida sexual, e o período genital é introduzido. O desenvolvimento psicosssexual, por fim, culmina na maturidade” (FEIST *et al*, 2015).

Ainda acerca das constituições destas fases, Couto (2017) acrescenta que “Cada fase diz respeito a uma etapa do desenvolvimento da libido em que há a preponderância de uma zona erógena e uma modalidade específica de relação com o objeto”. Assim, atribuindo tal configuração de organização ao funcionamento de uma determinada personalidade, entende-se que é necessário recorrer ao histórico de constituição do próprio indivíduo para compreendê-lo, uma vez que este se “organizou” e vivenciou processos de formação e estruturação de forma subjetivamente únicas, e, desse modo, no percurso de individuação, foram solidificando-se e estabelecendo uma estrutura funcionalmente alicerçada sobre as formas nas quais cada estágio foi vivenciado, e assim, o processo de superação, ou mesmo, de fixação para estas respectivas fases ocorre.

Destaca-se, neste ponto, o estabelecimento direto entre a forma como as fases foram vivenciadas e a formação de um traço de personalidade que será manifesto pelo sujeito durante a vida, isso, respaldado nos mecanismos correlacionados das instâncias psíquicas, atreladas no funcionamento mental inconsciente. “Com isso, pode ser compreendido que parte da personalidade do homem é resultado das situações vivenciadas durante os períodos, e pode ser responsável por contrastes entre a personalidade de um homem e de outro” (Farias *et al*, 2015), sendo, neste aspecto, fundamentalmente importante ressaltar a atividade que se desenvolve nas fases psicosssexuais como alicerces estruturais marcantes para o funcionamento do sujeito, através de cada instância psíquica que atua em seus devidos mecanismos reativos.

O COMPLEXO DE ÉDIPO COMO FERRAMENTE CENTRAL DA ARTICULAÇÃO DA PERSONALIDADE

O complexo de Édipo não apenas estabelece os aspectos do desenvolvimento da sexualidade, como também determina amplamente potencialidades da personalidade adulta (NASIO, 2007). Assim, Násio menciona a importância da compreensão do processo de transição do complexo de Édipo enquanto forma de ajustamento do sujeito em construção ao meio que o insere, e, de forma mais específica, ao próprio aspecto de constituição e de desenvolvimento de si.

Cravado entre as fases de desenvolvimento psicosssexual, cabe ao complexo de Édipo uma fundamental missão de organização das esferas psíquicas em função de uma estruturação do sujeito, pois é neste que “os pequenos começam a direcionar a seleção dos ‘modelos’ que serão vivenciados na vida adulta” (PERA e CORREA, 2015).

Nas palavras de Freud, “o curso do desenvolvimento da infância conduz a um desligamento sempre crescente dos pais e a significação pessoal desses para o superego retrocede para o segundo plano” (Freud 1976 /1924), isso significa dizer que este processo de individuação é importante na perspectiva de compreender os percursos que cada subjetividade pode percorrer, e, deste modo, quais fatores serão desencadeados por cada direção tomada.

Oliveira (2016) permite o enriquecimento desta discussão quando expressa:

“De acordo com Freud, todo ser humano deve sua origem a um pai e a uma mãe, não tendo como escapar dessa triangulação que constitui o centro do conflito humano. Essa triangulação perpassa por toda a vida do sujeito, sendo esse acontecimento o que definirá a estrutura psíquica do indivíduo. O complexo de Édipo constitui uma das

problemáticas fundamentais da teoria e da clínica psicanalítica, não sendo somente o complexo nuclear das neuroses, mas também o ponto decisivo da sexualidade humana, ou melhor, do processo de produção da sexualidade.

Neste sentido, recorrendo ao consagrado verbete de Laplanche e Pontalis (1992) para a caracterização de tal período, pode-se encontrar o seguinte trecho:

“Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. Segundo Freud, o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. **O complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano.** Para os psicanalistas, ele é o principal eixo de referência da psicopatologia.” (grifo do autor)

Observando este cenário, baseando-se nos princípios psicanalíticos supracitados e referidos, entende-se que este período compreende um material constitucional único, pois articula-se, conforme já foi mencionado, com as bases estruturais da formação da personalidade, ou seja, de uma personificação do sujeito de forma fixada. Entende-se então que, as experiências que são vivenciadas neste período fornecem subsídios para lançar as bases do que será compreendido enquanto traços de personalidade e formas de funcionamento, ancoradas em substratos enraizados nas profundezas do inconsciente, recalçados e internalizados nas interações (SOUZA,2006), e este percurso desenvolvimentista ocorre através da relação triangular e da gênese nuclear que se desenrola.

A construção do indivíduo pressupõe que durante a vida ele vá apropriando-se das objetivações, garantindo sua própria materialização como pessoa, de modo que a personalidade represente, dessa forma, uma objetivação da individualidade, o estilo pessoal que lhe configura e, por certo, revele a continuidade na mudança permanente do processo de individualização (MARTINS, 2004).

Considerada a grande primeira neurose, o complexo de Édipo ressalva aspectos do desenvolvimento da sexualidade como também estabelece amplamente potencialidades da personalidade adulta. As definições objetivas, as identificações e as projeções implicam na configuração de suas peculiaridades (PERA e CORREA, 2015).

Simplificadamente, pode-se caracterizar o período do complexo de Édipo enquanto uma fase marcadamente própria e única no processo de enraizar e de fundamentar a realidade psíquica do sujeito que se constrói, através da relação de internalização, introjeção e projeção que este estabelece com as figuras afetivas do núcleo, tidas como basilares nesta estruturação.

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO MEDIADA PELAS TROCAS COM O AMBIENTE

Pensando pelo escopo psicanalítico, o processo de estruturação da personalidade se dá através de um diálogo entre as dimensões psíquicas e ambientais, mediadas, de forma geral, pela conexão com o psiquismo, sendo possível visualizar em tal processo dinâmico as implicações do núcleo familiar, contexto histórico, político e até social, uma vez que estes são internalizados e se fundem na constituição psíquica do ser em desenvolvimento.

Elia (2010,) explica que:

“ [...] o sujeito só pode se constituir em um ser que, pertencente à espécie humana, tem a vicissitude obrigatória e não eventual de entrar em uma ordem social a partir da família ou de seus substitutos sociais e jurídicos [...]. Sem isso ele não só não se tornará humano [...] como tampouco se manterá vivo: sem a ordem familiar e social, o ser da espécie humana morrerá”.

De acordo com Freud (FREUD, 1924) citado por Araújo (2007):

Se reconheceu a dependência do ser humano de pessoas e condições à sua volta tratando-a como um fato biológico. Esse fato seria responsável pela maioria das aquisições da personalidade, pela capacidade de se relacionar com os objetos, pelo desenvolvimento das relações com complexo de Édipo, a luta contra a agressão, as necessidades de religião, de ética e de moralidade para uma vida humana cultural e social.

É fato que, para a espécie humana, o processo de humanização se dá a partir das trocas com os meios, ou seja, com o núcleo familiar e com as dinâmicas das primeiras relações afetivas interdependentes. Martins (2004) acrescenta que “O homem, como indivíduo, nasce dotado de necessidades elementares, vitais (biológicas), que inicialmente são satisfeitas pelas ações de outrem”, ou seja, há uma clara relação de dependência, estabelecida entre o sujeito e seus semelhantes, articuladas através das relações contextuais, de modo que esse ser em desenvolvimento se constitui através destas relações que estabelece com o outro, propiciando, assim, a sua organização psíquica e subjetiva (TOREZAN e FACCI, 2011).

Ao falar das formas de constituição intrapsíquicas dos sujeitos, Jerusalinsky (2009) afirma que “a constituição do sujeito exige a inscrição de diferentes momentos lógicos que não estão garantidos pela passagem do tempo, por uma simples cronologia”. Tal afirmação implica diretamente em compreender a transição dos processos evolutivos e, de desenvolvimento da personalidade que se está constituindo, e que estão muito mais alicerçados nas trocas e relações estabelecidas com outros sujeitos, que apenas em um desenvolvimento maturacional e biológico, propiciado pelo avanço da idade cronológico. Neste ponto, destaca-se também a transição das fases de desenvolvimento psicosexual como meios de organização da energia libidinal destes sujeitos em construção, sendo necessárias as compreensões da forma subjetiva de vivencia-las e de internalizá-las (COSTA e OLIVEIRA, 2011).

No que concerne à dinâmica nuclear familiar, é na conjuntura e complexidade desta que ocorrerá a constituição de uma personalidade, a partir da relação estabelecida com esse núcleo, o que pode ser observado em Couto (2017), ao afirmar:

“Quando a criança é separada da mãe pelo interdito paterno, ela passa a ser uma entidade distinta ao invés de simplesmente encarnar o objeto do desejo da mãe. É assim que ela se insere na ordem da cultura como um sujeito”, e, Martins (2004) acrescenta que “o homem apenas se individualiza por meio do processo histórico-social, posto que o indivíduo é um ser social, singular, única e exclusivamente na medida em que é um ser social genérico”.

Os Fatores do Dinamismo Psíquico se Articulam com o Ambiente na Estruturação Final do Processo de Constituição da Personalidade.

“o filhote humano, após os nove meses que passa no útero, requer ainda mais um ano para atingir o grau de maturidade que caracteriza a maioria dos demais mamíferos ao nascer. Deste modo, todo o primeiro ano da infância precisa ser considerado como fazendo parte da fase embrionária. Soma-se à fase embrionária, em que a criança se encontra psíquica e fisicamente integrada no corpo da mãe, uma segunda fase, pós-uterina, pós-natal, durante a qual a criança já fez sua entrada na sociedade humana e, como seu ego e sua consciência começam a desenvolver-se, vai incorporando a linguagem e os costumes de seu grupo”(NEUMANN, 1995).

Enquanto espécie, os seres humanos se apresentam como seres dependentes, em várias perspectivas: Dependência de afeto, de cuidado, de interação, de suporte (ROSSOT, 2009) e, pensando num sujeito em desenvolvimento, que estabelece conexões entre seu universo intrapsíquico, constituído através da interação das instâncias psíquicas que se

alternam na dialética entre realidade e fantasia, consciência e inconsciência, pode-se pensar no processo de estruturação através da mediação do contexto ambiental, das experiências primárias que lançarão o alicerce da dinâmica de funcionamento mental deste sujeito ao longo da vida.

Para que seja possível o entendimento que como os processos intrapsíquicos reagem com os fatores externos, é necessário entender o ser humano enquanto ser de máxima complexidade: emocional, física e constitucional. Este ser está em constituição à medida em que suas bases de funcionamento mental foram lançadas, por meio da organização primária das instâncias psíquicas (FARIAS *et al*, 2015). Ocorre também a passagem pelas fases psicosssexuais, responsáveis por estabelecer “formatos” ao funcionamento deste sujeito, e, enquanto estes sistemas agem e interagem, repousam sobre uma articulação vívida e contextual com as experiências advindas da dinâmica interacional advindas do ambiente, as relações e os núcleos externos.

É neste sentido que Oltramari e Razera (2013) comentam que:

“A constituição do ser humano é comparada à construção de uma casa; porém, no que se refere ao homem, não há um projeto predeterminado que possa calcular e prever, claramente, como se dará a estruturação. O que pode ser usado como analogia é a importância de uma base sólida nos primeiros tempos, que são determinantes na vida do sujeito. Diferentemente dos animais, que para sobreviverem necessitam adquirir rápida autonomia, a cria humana precisa, excepcionalmente, da presença de um adulto que olhe, que cuide, que dê sentido às vivências desse bebê que ainda não se enxerga como diferente desse outro e que, gradativamente, irá adquirindo uma imagem própria de acordo com a qualidade dessa relação”.

Este processo pressupõe diretamente que o ser subjetivamente se constrói, e, tal “edificação”, que pode-se definir como a personalidade, se estabelecerá por meio das bases constituintes e fundamentadoras que foram dispostas durante o processo de trocas com o ambiente, com as figuras familiares, de forma geral, possibilitando assim que este processo seja passível de visualização por meio de traços específicos de personalidade e por maneiras fixadas de funcionamento, de comportamento e de respostas.

Destaca-se, neste sentido, a implicação direta das relações primárias na ordem do desenvolvimento e da funcionalidade da atividade psicofísica, pois são estas que estabelecem o padrão fundamentalmente internalizado de mediação das realidades vivenciadas, podendo-se assim alçar a visualização da importância desta para o sujeito como um todo.

Neumann (1995) trata acerca deste assunto ao comentar:

“A imersão da criança humana na relação primal mostra, de forma mais clara do que em qualquer dos seus desenvolvimentos posteriores, que a própria existência humana depende do social, posto que na relação primal a mãe representa [a] sociedade.[..] A relação pessoal posterior da criança com a mãe, como base de toda relação amorosa subsequente, e na verdade de toda relação humana, se estabelece de acordo com a relação primal”.

A estruturação da subjetividade, dos processos mais internos de constituição psíquica e de formação de bases de funcionamento de cada sujeito, em sua mais complexa e ampla singularidade, pressupõe a existência prévia de um processo dialético de relação, interação, mediação e de internalização com o meio que insere este sujeito, sendo a sua inserção na realidade balizada por fatores intrapsíquicos articulados com as dinâmicas sociais (KLAUTAU e SALEM, 2009).

“Portanto, a ciência da personalidade é a ciência da vida real dos indivíduos, pela qual constroem uma maneira particular de funcionamento. O indivíduo, por sua vez, constitui-se em unidade com a sociedade e sua existência como tal reside exatamente em sua autodiferenciação para com aquela, o que lhe confere, inclusive, papel de sujeito no processo de construção dessa sociedade.” (MARTINS, 2004)

Martins (2004) esclarece, de forma única, que este processo é decisivo e crucial para a constituição da personalidade do indivíduo, e, não apenas nesta visão singular, mas acrescenta que há implicações na própria organização da sociedade humana.

“Entendemos que a formação do ser humano representa um processo que sintetiza o conjunto de fenômenos produzidos pela história humana, de tal forma que a construção do indivíduo se situa no cerne de uma construção mais ampla: a da humanidade. Neste sentido, a personalidade põe-se como atributo do indivíduo, ou expressão máxima da individualidade humana.” (MARTINS, 2004)

A psicanálise permite compreender e pensar, valendo-se destes mecanismos psíquicos e da descoberta das formas de funcionamento mental, que a relação com o meio, com o outro, confere ao sujeito um amparo à sua própria individuação, por meio da assimilação da identidade do outro com o qual interage. Assim, estas dinâmicas possibilitam vislumbrar o impacto direto que este referencial externo proporciona à constituição da personalidade do sujeito em construção.

Tratando este assunto, Lustosa (2006) comenta:

“No sentido imaginário, dizer que o desejo é desejo do outro alude ao fato de que o sujeito não possui uma identidade, sendo necessário então que ele se ampare em algo situado fora de si mesmo,

modelando-se à imagem e semelhança de um pequeno outro. Identificando-se a essa imagem, o sujeito poderá doravante extrair uma certa orientação para sua conduta. O outro servirá como um ponto de apoio, de que o sujeito vai necessitar para saber como deve agir, pensar e sentir. Destituído de identidade, desprovido de uma forma, o sujeito vai se escorar em algo que ele supõe ser mais consistente do que ele, na imagem de um outro que o fascina justamente por aparentar a unidade que lhe falta.” (LUSTOSA, 2006).

E Brauer (1994) acrescenta ainda que “o eu é referente ao outro, ele se constitui em relação ao outro, é seu correlato”, podendo-se entender, dessa forma, que é a partir dos referidos contextos e da relação com o outro, no processo de constituição psíquica e de formação da personalidade, que este ser se compõe, ou seja, esta dinâmica de trocas é crucial para o sujeito se conceber.

Greco, (2011) esclarece, acerca da função desempenhada pelo outro neste processo:

“O Outro, na sua dimensão de alteridade inteiramente remetida ao Simbólico e à linguagem, surge aí para convocar o sujeito a se inserir em seus sistemas significantes, como forma de organizar uma representação do que a imagem lhe apresenta”, trazendo, deste modo, a interdependência estruturante, advinda destas trocas com o outro, e, neste processo de internalizar, de articular a realidade, o sujeito em construção se vê diante da necessidade de inserção no universo que o cerca, partindo das relações primariamente narcísicas, para as subsidiadas pelo escopo do real. Greco, (2011, grifo do autor)) ainda acrescenta que “Na definição proposta por Lacan, o Outro funciona como um ‘escudo narcísico’ que **separa o sujeito - ser de imagens e símbolos – do real, para sempre**, mas é também a estrutura que implanta nele ‘seu pequeno outro’”, de modo que se visualiza a existência de um processo de cisão do sujeito, para dar lugar ao ser que será inserido nesta dimensão da realidade circundante.

O sujeito necessita separar-se do outro, do desejo do outro, para se desenvolver, não podendo haver enlace em um desenvolvimento sadio, uma vez que é necessária essa separação do outro para se constituir, a partir do seu próprio desejo. Assim, pode-se afirmar que é este processo de separação que torna este sujeito em construção, um sujeito desejante, e, isso porque é nesta separação do outro que sua falta é evidenciada, sendo a falta responsável por mover o sujeito em direção a realização do seu desejo (LACAN, 1964).

É este, então, o papel que o outro desempenha nesta concepção e formação do sujeito, onde, segundo Elia (2010) “O significado dado ao encontro com o Outro depende, portanto, do significante, é dele subsidiário, mas não é por ele totalmente determinado, exigindo o trabalho de significação que é feito pelo sujeito. ”, caracterizando assim este amplo e dinâmico processo, como sendo a matriz de fundação sobre a qual este ser se constituirá psiquicamente e, desse modo, modelará a sua personalidade, a qual será a instância motriz pela o sujeito irá interagir com o mundo externo ao longo da vida.

Psicanaliticamente falando, este ser em desenvolvimento precisa ser constituído, ou seja, ser inserido no mundo da realidade, no universo dimensional humano, e, este curso se dará através das trocas com os sujeitos que já compõem e alteram a realidade constitucional, em um processo de internalização e de projeção dos elementos psíquicos e comportamentais, fundamentando assim uma base estrutural de funcionamento da personalidade, como resultado deste processo.

CONCLUSÃO

Conclui-se, deste modo, que a personalidade pode ser caracterizada enquanto resultante de um amplo processo de elementos intrinsecamente relacionados e interdependentes, onde se destacam as organizações intrapsíquicas do sujeito, por meio das instâncias psíquicas, e, vinculando tais fatores ao contexto no qual o sujeito em formação está inserido, se pode compreender os mecanismos dinâmicos de organização e estruturação desta. Percebe-se também a existência da necessidade de delimitação dos contornos teóricos de visualização para a compreensão da personalidade, da definição e dos fatores de organização que se estabelecem, tendo em mente a amplitude da ciência psicológica, bem como a pluralidade de objetos de estudo abarcados por este ramo. Além disso, recorrendo às teorias psicanalíticas como base conceitual para fornecer os subsídios de saberes e para interpretação e compreensão da forma funcional, e os aspectos mais íntimos deste processo de organização individual, pode-se caracterizar a personalidade como a forma particular de funcionamento de um sujeito, estruturado a partir de vivências contextuais e subjetivas, nas quais se internalizaram aspectos funcionais dos núcleos dinâmicos externos, sendo por esta razão que se estabelece a importância do contexto e da interação com o núcleo familiar, na organização final do complexo de Édipo e, essencialmente, no processo de interação com o mundo mediada pela figura do outro, capaz de propiciar os alicerces estruturais desta composição final do processo de organização subjetiva e psíquica, chamada personalidade.

Ressalta-se ainda, neste percurso subsidiário do sujeito, a existência de aspectos de cunho global no desenvolvimento e na fundamentação destes indivíduos, como a existência de um inconsciente capaz de mediar a realidade, por meio da ação das instâncias psíquicas subjetivas, e, acentuados pela passagem e vivência por cada uma das fases psicosexuais, bem como a resolução do complexo de Édipo, realizada pelo sujeito, num processo mais amplo de organização da personalidade e de fundação das formas de funcionamento geral, tecidas através das relações sociais e mediadas pelas trocas entre as figuras afetivas familiares, inicialmente, e, posteriormente, para todas as relações humanas construídas, nas quais este ser reunirá elementos suficientes para se fundamentar como pessoa, ou seja, comporá a sua personalidade.

REFERÊNCIAS

ALLPORT, Gordon Willard. **Personality: a psychological interpretation**. New York : Henry Holt and Company, 1937.

ARAÚJO, Conceição Aparecida Serralha de. Uma abordagem teórica e clínica do ambiente a partir de D.W. Winnicott. Tese (Doutorado em Psicologia (Psicologia Clínica)) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 14-Nov-2007. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15641>

BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 2000

BARATTO, Geselda. **A descoberta do inconsciente e o percurso histórico de sua elaboração. Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 29, n. 1, p. 74-87, mar. 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000100007&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 20 out. 2021.

BARATTO, Geselda. Descobrimo o encobrimento da descoberta freudiana: a psicanálise e a "Ego Psychology". **Estilos clin.**, São Paulo , v. 7, n. 12, p. 156-177, 2002 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282002000100013&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 20 out. 2021.

BRAUER, Jussara Falek. O outro em Lacan: consequências clínicas. **Psicol. USP**, São Paulo , v. 5, n. 1-2, p. 309-333, 1994 . Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771994000100020&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 nov. 2021.

BLEICHER, Taís. Arte e psicanálise: dos usos freudianos da arte à arte como terapêutica. Dissertação de Mestrado em Psicologia. IP/UNB: Brasília, 2007.

CARVALHO, Lucas de Francisco. PIANOWSKI, Gisele. REIS, Ana Maria. SILVA, Lucas de Francisco. Personalidade: O Panorama nacional sob o foco das definições internacionais. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 123-146, jan. 2017

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. [S.l: s.n.], 1994.

COSTA, Elis Regina da. OLIVEIRA, Kênia Eliane de. A sexualidade segundo a teoria psicanalítica freudiana e o papel dos pais neste processo. **Revista eletrônica do curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG**. Vol. 2 n. 11, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/mec/Downloads/20332-84783-1-PB.pdf> .Acesso em: 02 de nov 2021.

COUTO, Daniela Paula do. Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito. **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora , v. 11, n. 1, p. 1-2, jun. 2017 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472017000100004&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 15 out. 2021. <http://dx.doi.org/10.24879/201700110010094>

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. Coleção passo-a-passo.. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010.

FARIAS, Thaiz Maira da Silva. NANTES, Elaine da Silva. AGUIAR, Sirlei Maria de. **Fases psicosexuais freudianas**. Universidade Estadual de Maringá, 2015. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/698.pdf>>. Acesso em: 14 de outubro de 2021.

FEIST, Jess; FEIST, Gregory J.; ROBERTS, Tomi-Ann. **Teorias da Personalidade**. In: ____ Introdução à teoria da Personalidade. 8. ed. São Paulo: McGraw Hill, 2015.02-10

FREUD. **A história do movimento psicanalítico**. In: _____. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1914

_____. **Cinco lições de psicanálise.** In:_____. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1910.

_____. **O problema econômico do masoquismo.** In:_____. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio M. **Matrizes do pensamento psicológico.** 1991.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Teorias da personalidade.** São Paulo: Harbra, [1976] 1986.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989

GRECO, Musso. Os espelhos de Lacan. In:_____. **Opção lacaniana online nova série.** Ano 2. Número 6. Novembro, 2011. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Os_espelhos_de_Lacan.pdf .Acesso em: 02 de nov 2021

HALL, Calvin, LINDZEY, Gardner, CAMPBELL, John B. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. **Teorias da personalidade.** 4.ed. Porto Alegre : Artmed, 2000.

JERUSALINSKY, Julieta. **A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo.** São Paulo, 2009.

KLAUTAU, Perla; SALEM, Pedro. Dependência e construção da confiança: A clínica psicanalítica nos limites da interpretação. **Nat. hum.,** São Paulo , v. 11, n. 2, p. 33-54, fev. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302009000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 out. 2021.

LACAN, Jacques Marie Émile. O sujeito e o outro (II): A afânise (1964). In: _____. **O seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorgezahr, 1998.

LUSTOZA, Rosane Zétola. A angústia como sinal do desejo do Outro. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 6, n. 1, p. 44-66, mar. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 nov. 2021.

MARTINS, Lígia Márcia. A natureza histórico-social da personalidade. **Cadernos CEDES**. Centro de Estudos Educação e Sociedade, v. 24, n. 62, p. 82-99, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/28256>> Acesso em 12/06/2021

MEZAN, Renato. **Freud: a trama dos conceitos**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

NÁSIO, Juan David. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NÁSIO, Juan David. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.1995

NEUMANN, Erich. **A Criança – Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o Início de sua Formação**. S. Paulo: Cultrix, 1995, 10a. edição

OLIVEIRA, Josemara Carvalho de. O Complexo de Édipo e suas múltiplas Interpretações. **Rev. CEPdePA**, v. 23, 2016. Disponível em: <https://cepdepa.com.br/wp-content/uploads/2020/05/11-Josemara-Carvalho-de-Oliveira-O-Complexo-de-%C3%89dipo-e-suas-m%C3%BAltiplas-interpreta%C3%A7%C3%B5es.pdf>. Acesso em 03 de nov de 2021.

OLTRAMARI, Fernanda; RAZERA, Bruna. **O Afeto e o Cuidado nas Relações Familiares: Construindo os Alicerces de uma Nova Casa**. Revista Síntese Direito de Família, São Paulo. n. 78, junho/julho, 2013.

PASQUALI, Luiz. **Os Tipos humanos: a teoria da personalidade**. Petropolis (RJ): Vozes, 2003.

PERA, Rubens Alberto; CORREA, João Jorge. O Complexo de Édipo no Contexto da Psicanálise. **Revista Pleiade**, v. 9, n. 18, p. 23-31, 2015.

PERVIN, Lowrence A. JOHN, Oliver P. **Personalidade: Teoria e Pesquisa**. 8ªed. São Paulo: Jones & Bartlett, 2003

PRINZIE, P. DEKOVIC, M. REIJNTJES, A. H. A. STAMS, G. J. J. M. & BELSKY, J.

The Relations Between Parents' Big Five Personality Factors and Parenting: A Meta-Analytic Review. Journal of Personality and Social Psychology, 97(2), 351–362. 2009.

QUINTELLA, Rogerio. As funções do pai: pensando a questão da autoridade na constituição do sujeito contemporâneo a partir de um estudo psicanalítico do ideal do eu. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 284-296, ago. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 out. 2021.

REIS, Alberto Olavo Advincula; MAGALHÃES, Lúcia Maria Azevedo; GONÇALVES, Waldir Lourenço. **Teorias da personalidade em Freud, Reich e Jung**. Temas básicos de psicologia vol 7-São Paulo EPU 1984

ROSSOT, Rafael Bucco. O afeto nas relações familiares e a faceta substancial do princípio da convivência familiar. **Revista Brasileira de Direito das Famílias e Sucessões**. 9. ed. Belo Horizonte: IBDFam, 2009

SALLES, Ana Cristina Teixeira da Costa; COIMBRA, Maria Lúcia Salvo. A análise leiga e a ética da psicanálise. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 28, n. 53, p. 17-21, set. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952006000100003&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 19 out. 2021.

TOREZAN, Zeila C. Facci; AGUIAR, Fernando. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 525-554, 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 jun. 2021.